

5
José Sarney

Caderno

21.3.75

Sarney condena pessimismo dos oradores da Oposição

Brasília — O Senador José Sarney (Arena-MA), ocupou a tribuna do Senado, pela primeira vez nesta legislatura, para condenar o tom pessimista dos discursos de apresentação dos novos senadores do MDB e saudar a volta do debate parlamentar afirmando que "o maior caminho percorrido pela distensão é o da grandeza com que o Congresso hoje se apresenta em face da Nação".

Observou o Senador Sarney que "o Brasil não pode dar segurança só a seus senadores e deputados, mas a todo o povo brasileiro. Eu não quero que nos encontremos amanhã no exílio a dizer que em momento de bravura levantamos uma flor à democracia que mataram. O Presidente Geisel está certo e decidido no sentido democrático, mas a distensão deve ter o lema do Conselheiro Dantas: não retroceder, não parar, mas não precipitar".

SILVEIRA MARTINS

Citando Silveira Martins, o grande liberal do Império, fartamente citado na quarta-feira pelo Senador Paulo Brassard, o Senador José Sarney contou que, em discurso, aquele tribuno afirmou: "temos praticado ilegalidades, algumas confessas, é verdade. Mas não é teoria de ocasião. Consultem nos anais os meus discursos e ver-se-á que já afirmei o dever de nos colocarmos — dada certas circunstâncias — acima da lei, para salvar os interesses da Pátria".

— Cito o seu próprio exemplo, em 1964 (o orador se dirige ao Senador Brassard), quando V Exa apoiou o AI-1 e também depois, por ocasião do AI-2, ainda participava da Arena.

Em prosseguimento, disse o Senador: "A ditadura, nós todos abominamos. Não somos um país de violências. Somos chamados à concórdia e acredito que chegaremos a um denominador comum, que estamos saindo do túnel já começando a ver a luz, mas V Exas (ele se refere aos opositoristas) procuram tapar as janelas do Sol, recusando-se a acender velas na escuridão. Que ditadura é essa do Brasil em que não há ditador e o Poder se transfere de quatro em quatro anos? Que ditadura é essa em que se abrem as portas para a Oposição aumentar a sua bancada em dois terços no Senado? Que ditadura é essa em que a Oposição legal tem todas as garantias?"

PESSIMISMO

Falando depois do Senador Leite Chaves (MDB-PR), que provocou diversos apartes ao comentar o volume da dívida externa brasileira, o Senador maranhense manteve-se no tema político que elegeu, afirmando: "Nós não vivemos no estado pleno de Direito, mas também não estamos à beira da falência institucional".

Comentando a posição assumida por representantes do MDB, assinalou, em resumo, o conteúdo de seus pronunciamentos: "Ouvimos que o Presidente Ulysses Guimarães quer modificar a Constituição, de ponta a ponta. Enquanto isso, o Senador Mancos Freire quer anistia, para já. Por sua vez, o Senador Brassard nos afirma que a ilegalidade é a mãe da insegurança, pintando um painel extremamente pessimista sobre as instituições, dizendo que temos leis mas não temos lei. Já o Senador Leite Chaves aqui chegou e disse que não somente não temos lei, não temos leis".

O tom do Senador Sarney é exaltado: "Este painel que se traçou para o Brasil é verdadeiro? Não, ninguém fará a injustiça de dizer que ele é verdadeiro. Muitas vezes, temos boas leis mas elas não acabam com as maiores violências e, muitas vezes, não temos boas leis mas também não temos violência."

A um pedido simultâneo e aparte dos Senadores Jarbas Passarinho e Leite

Chaves, o Senador Sarney diz que está apenas nas premissas e continua sua oração.

ASPIRAÇÃO NACIONAL

Prossegue ele: "Hoje há uma aspiração nacional pela liberdade e pela democracia e nós não podemos dar o direito aos homens do MDB de dizer que eles trabalham mais por esta normalidade do que nós, e mais do que todos nós o Presidente da República, porque hoje ele tem os encargos de pegar as águas revoltas — ainda muitas delas são revoltas — e ordená-las para o processo de reconstrução nacional".

A ÁRDUA LUTA

O presidente em exercício do Senado, Senador Wilson Gonçalves, acende a luz vermelha para avisar que o tempo está esgotado mas nessa hora há o primeiro aparte, do Senador Paulo Brassard:

— O senhor se refere a que o AI-2 descobriu que não há democracia com responsabilidade. Sinto muito mas isto não é descoberta do AI-2.

Sarney agradece e continua: "Procurei fazer uma análise do que na realidade aconteceu mostrando que o Ato Institucional n.º 1 nos dá a exata noção do difuso ideário dos episódios de março de 64. O seu enunciado em termos de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil. Sua filosofia é a de reconstruir, não inovar".

Já o Ato Institucional n.º 2, é classificado como um divisor de conduta: "Ao contrário do AI-1, que silenciava sobre a estrutura política, ele é reformador e não conservador. Enquanto o primeiro desejava a Revolução, para manter as instituições de 46, o AI-2 denuncia a impossibilidade de conviver com elas e abre drasticamente o seu novo itinerário, e a listicamente procurando adaptar a democracia que tínhamos com a democracia que podíamos ter."

E' a vez do aparte do Senador Jarbas Passarinho, que lembra trecho do discurso do Senador Leite Chaves, condenando obras como a Transamazônica, Itaipu e a Ponte Rio—Niterói: "Sinto muito entrar neste momento, com meu aparte, mas é preciso que se afirme que a Transamazônica foi traçada segundo os mais modernos requisitos da técnica da construção de rodovias. E' portanto, uma injustiça, que creio não intencional."

Volta Sarney a falar: "O Presidente Geisel está à frente do processo de distensão e é para aí, justamente, que nós devemos chamar o MDB, para que ele saia da campanha da ampliação da base eleitoral que ele teve para vir para cá, concretamente conosco, para ajudar o Governo a vencer as suas dificuldades. Condenemos a violência e lutemos para que possam ser punidos os culpados. Mas não esqueçamos que essa não é uma tarefa romântica, que se faz como se se arrancasse um cravo da lapela e se jogasse a uma namorada na janela. Ou como quem arranca o chapéu numa arena e o lança a uma princesa, debruçada para ver a luta."

Dirigindo-se novamente aos senadores da Oposição, o Sr José Sarney conclui:

— Discursos como os de V Exas antigamente significavam para qualquer um da Oposição a demissão. De todos os seus correligionários. Não vi ninguém se queixar disso. Há duas oposições ou há uma Oposição? A Oposição legal vive no Brasil com todas as garantias e exerce com a maior liberdade o seu papel. Agora, o Estado brasileiro não pode se demitir dos instrumentos de que dispõe para combater não a Oposição legal mas a contestação engajada na força, a oposição clandestina que é o mal do mundo contemporâneo.